

1º de novembro de 1868

O DISCURSO INCOMPREENSÍVEL

Há 150 anos, em 1º de novembro de 1868, cinco meses antes de sua desencarnação, Allan Kardec pronunciava, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, o chamado “Discurso de Abertura”, em homenagem ao Dia de Finados, onde ratificava o caráter eminentemente filosófico da proposta espírita.

O laço

Em seu discurso, na SPEE, Allan Kardec aborda o tema da “comunhão de pensamentos” que, como um **laço**, “religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças”. Esse laço, em sua histórica conferência, Kardec chama de “religião em sentido filosófico”, pois que tem o “efeito moral” de “estabelecer entre os que ele une”, “a fraternidade, e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas”. Nesse mesmo sentido, segundo o orador, também poderemos nos referir à “religião da amizade”, ou à “religião da família”.

Feita essa introdução, Kardec sustenta que, “no sentido filosófico”, isto é, de laço que une pessoas com iguais ideias e sentimentos, “o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza”. Mas:

“Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?”

Kardec prossegue seu discurso, literalmente, com a pergunta acima, para, logo, lhe dar resposta: “Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes e, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto: desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública”.

Apenas uma doutrina filosófica e moral

Para fechar sua reflexão, Kardec afirma em seu discurso, que é também um perfeito exercício de dialética: “Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral”.

Para ler a íntegra do discurso: *Revista Espírita* – Dezembro/1868: <https://drive.google.com/file/d/1OqN9dwYjGHB8qZglu-FpcgdDqlPMjYCA/view?usp=sharing>.

Nossa Opinião

A DIALÉTICA KARDECIANA

Quem já não ouviu expressões do tipo “tal clube de futebol é minha religião”? Num estádio onde se reúnam, para assistir a uma partida, milhares de pessoas, vestindo a mesma camiseta, há um “laço” que une todas elas. Um mesmo sentimento é compartilhado: o amor a seu clube. Assim acontece também com os partidos e as ideologias políticas, com os cultores das artes, da literatura, com as entidades de classes, e, igualmente, com as crenças. A essa comunhão de pensamentos, Kardec denominou “religião em sentido filosófico”. Mas, teve o cuidado de consignar que não é esse “o sentido usual” de religião.

A palavra religião, segundo ele, está indelevelmente marcada pela pregação de dogmas inamovíveis, por cultos, hierarquias sacerdotais, misticismos e privilégios. E que, por isso, não convém ao espiritismo “enfeitar-se” com esse título, cabendo-lhe, sim, apresentar-se simplesmente como “doutrina filosófica e moral”.

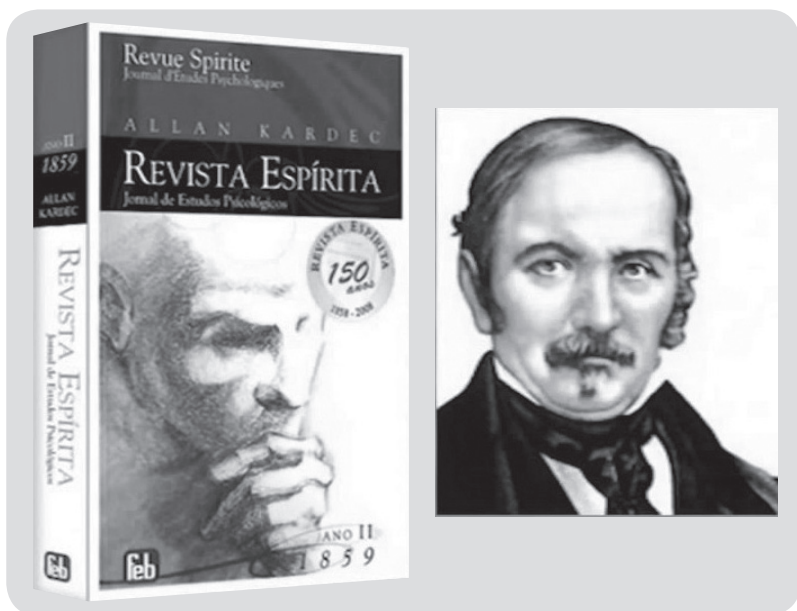
Por que isso? Uma palavra, segundo Kardec, não deve “exprimir duas ideias diferentes”. Ora, as religiões, notadamente as cristãs, em cuja cultura o espiritismo está imerso, conceituam religião como a “religação do homem a Deus”. Vislumbram nela a força salvacionista, única capaz de fazer o ser humano, condenado originariamente pelo pecado, a se reaproximar da divindade.

Obviamente, essa ideia não se compatibiliza com a filosofia espírita que, se filiando às tendências laicas e humanistas da Modernidade, vê no homem e no seu destino plena viabilidade e perfectibilidade. Sua condição original de “simples e ignorante”, por força da evolução, presente em todos os fenômenos da vida, assegura-lhe, a conquista de condições superiores de existência, em harmonia com as supremas leis universais. Inserido nas leis da vida, o ser humano, em todos seus estágios, está em comunhão com a divindade.

Em seu discurso, claramente, Kardec: Resgata o sentido filosófico de religião (ligação dos homens entre si, e não religação com Deus); Consigna o sentido deturpado do termo religião (cultos, sacerdotes, privilégios de crenças). E, por fim, recomenda que o espiritismo não adote o título de religião (para evitar as dubiedades sugeridas pelo vocábulo).

Fácil de entender, não? Nem tanto. Muitos espíritas ainda não compreenderam.

(A Redação).



Material de divulgação da FEB, uma das editoras que publica no Brasil a “Revista Espírita” de Allan Kardec.



Editorial

Bom Senso, Presidente!

“As paixões são como um cavalo, que só tem utilidade quando é governado e que se torna perigoso quando passa a governar”. O Livro dos Espíritos- Questão 908.

O Brasil acaba de atravessar um período eleitoral absolutamente singular. Talvez nunca, como agora, tenhamos passado por uma eleição presidencial tão acirrada e com posições de tal forma polarizadas.

Crises sempre inspiram posições extremadas. Em tempos de crises políticas tão graves como essa vivida pelo Brasil, nos últimos anos, os discursos tendem facilmente aos extremismos. Pior do que isso: passam a ser recebidos com certa naturalidade. A ânsia de combater erros eventualmente detectados nos adversários alimenta a retórica agressiva, verbalizando-se posições que, se efetivamente concretizadas, fatalmente servirão para agravar ainda mais a situação. É como se o remédio irresponsavelmente receitado exagerasse na fórmula a ponto de oferecer riscos mais graves à saúde ou à sobrevivência do paciente.

Sem a menor dúvida – e isso vem reconhecendo explicitamente o próprio presidente eleito – seu discurso foi marcado por esse tom destrutivo, desmesuradamente agressivo e, em muitos casos, frontalmente em oposição à lei maior e ao bom senso.

Embora se admitindo que a decisão trazida pelas urnas, em muitos casos, tenha sido movida por uma reação odiosa a um grupo político, é também de se compreender que outros e melhores sentimentos do que o simples rancor tenham conduzido o voto de muitos eleitores.

Não é sensato aceitar que todos os homens e mulheres de bem de uma mesma nação tenham se situado em uma das opções políticas e, em contrapartida, à outra hajam aderido só os maus. Esse maniqueísmo não existe e não pode existir em um sistema democrático já razoavelmente amadurecido como o nosso, especialmente considerando-se que ambos são imperfeitos e os dois tenham cometido evidentes erros.

Agora é tempo de superar os eventuais sentimentos de ódio ou de revanche que tenham, em maior ou menor medida, influenciado no exercício do voto. É tempo de abrandar a paixão, dando lugar a sentimentos mais nobres, presentes na alma humana, e que se orientem, acima de tudo, pelo desejo do bem comum.

Isso vale particularmente ao personagem construído pelo candidato vencedor, em muitos episódios inteiramente desconectado com os ideais formatadores do estado democrático de direito. Mas vale, igualmente, para tantos quantos, por diferentes motivações, sufragaram seu nome ou preferiram aderir à proposta do lado oposto.

Os valores conquistados ao curso da História, trazendo-nos da barbárie à civilização, não podem sofrer retrocessos como alguns,

equivocadamente, sinalizados no longo período em que o candidato vencedor preparou e concretizou sua candidatura. A intolerância a pessoas e grupos, a prevalência da força sobre o direito, a violação aos direitos conquistados -inclusive em favor daqueles que infringiram a lei, mas que por força da própria lei, terão de enfrentar os civilizados mecanismos de reparação -, jamais poderão ser aceitos como uma nova ordem. Seria, com certeza, a institucionalização da desordem.

É preciso, enfim, que reine o bom senso outra vez. Que paixões justicieras jamais se sobreponham ao Direito e à Justiça. Estes são valores muito caros que não podem ser entregues, de bandeja, a governantes aventureiros e, necessariamente,

deverão pautar o exercício de uma oposição responsável e destituída de qualquer sentimento de revanche.

**Que paixões justicieras
jamais se sobreponham ao
Direito e à Justiça!**

Opinião do leitor

Espiritismo cristão?

Brilhante novamente o artigo de Salomão Jacob Benchaya, “Espiritismo Cristão?” (Coluna “Opinando”, edição 267, outubro/2018). Merece grande divulgação. Também elaborei um texto para publicar, destacando alguns aspectos do tema, que segue em anexo. Grande abraço! **Ivan Franzolim** – São Paulo.

N.R. – O artigo “Jesus de Nazaré ou Cristo?”, de Ivan Franzolim, está sendo publicado na seção “Enfoque” (pág. 6 deste periódico)

Para Além do Aqui e Agora

Excelente o texto do editorial de outubro de CCEPA OPINIÃO. Uma reflexão muito apropriada para o momento atual de nosso país. Parabéns ao seu editor, pelas sábias palavras. **Aldinha Rodrigues** – Lavras do Sul/RS.

Para Além do Aqui e Agora (2)

Está aí um texto que todos deveriam ler. Muito esclarecedor para nós, que nos esforçamos para vivenciar os valores ESPÍRITAS. Parabéns à editoria do nosso OPINIÃO. **Dagmar Vassão** – Porto Alegre.

Se Todos Fossem Iguais

Em sua crônica em *Opinião em Tópicos* (CCEPA OPINIÃO 267), o estimado amigo Milton Medran Moreira, como sempre, mostra-se profundo e mágico com suas palavras. Parabéns, Medran, é uma maravilha ter amigos como você! **Fernando Rocha Silva** – Fortaleza/CE.



**CCEPA
opinião**

ORGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE
Departamento de Comunicação Social

Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS
FONE: (51) 3209 2811 - CEP 90150-050
E-mail: ccepars@gmail.com
Blog: http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br
EDITOR CHEFE: Milton R. Medran Moreira
Jornalista - Reg. Prof. MTb3.352

IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre-RS, CEP 90150-050, acompanhado de um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00

CONSELHO EDITORIAL:
Maurice Herbert Jones
Salomão Jacob Benchaya
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Neventon Vargas (João Pessoa - PB)
REVISÃO: Salomão J. Benchaya
SECRETARIA: Tereza San Martins Samá
EXPEDIÇÃO: Rui P. Nazário de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO & ARTE: Evangraf

PEDIDO AOS ASSINANTES

Solicitamos aos assinantes que efetuem o pagamento da anuidade através de depósito ou transferência em conta bancária que não esqueçam de comunicar essa providência através do e-mail **ccepars@gmail.com** ou WhatsApp (51)99231-8922, para que possamos identificar o remetente.



Opinião em tópicos

Milton Medran Moreira

Fluxos e refluxos

Talvez não precisássemos voltar a insistir na observância de alguns princípios que a Modernidade consagrou, entre os quais o da laicidade do Estado. Mas a História avança produzindo fluxos e refluxos.

Escrevo logo após as primeiras manifestações do presidente eleito. Pareceu-me bizarra e fora de contexto a cena por ele protagonizada logo após conhecer os resultados eleitorais. Depois de um breve pronunciamento onde, messianicamente, sublinhou que conheceríamos a verdade e que ela haveria, finalmente, de nos libertar, passou a palavra a um de seus mais importantes apoiadores. Misto de pastor, cantor e político, o convidado, em altos e eloquentes brados, como se num culto estivesse, recitou uma oração. Nela atribuiu ao seu Deus – que, com certeza, não é exatamente o de todos os brasileiros – o sucesso pessoal e político do eleito. À moda das antigas teocracias medievais, atribuiu a escolha não ao povo, mas aos desígnios da divindade, pois que, para o celebrante, “quem unge a autoridade é Deus”.

Salvadores da Pátria

Tempos de crises políticas como essa em que se afundou o Brasil nos últimos anos são sempre propícias ao surgimento dos “salvadores da pátria”. O presidente eleito não foi o primeiro a ser tomado como tal por grande parcela de seus eleitores. Outros granjearam liderança e idolatria por venderem a imagem de uma onipotente capacidade de combater a corrupção, os privilégios, as injustiças de uma sociedade que ainda não encontrou caminhos sustentados por uma consciência ética coletivamente construída. Estes se investiram, eles próprios, da condição missionária, quase divina, de reformar a sociedade por sua ação providencial e carisma pessoal.

Todos eles têm de ser vistos com cautela, especialmente aqueles que se dizem - e, provavelmente, até pensam -, ter chegado ao poder por unção divina.

Acima de tudo a lei

Estes deverão ter seus atos constantemente fiscalizados, exigindo-se deles o estrito cumprimento das leis e a submissão às normas e decisões constitucionalmente emanadas dos demais poderes estatais. Quem invoca a unção divina para o exercício do poder revela perigosa vocação ao totalitarismo. Aquele que entroniza um livro sagrado ou a alegada “palavra de Deus” por sobre a Constituição usurpa os poderes que lhe foram conferidos pelo povo.

As leis de uma sociedade democrática são a fiel expressão da autonomia humana, reconhecida pela laicidade do estado moderno. Autonomia, laicidade, democracia não excluem Deus da sociedade. Quem cultiva da divindade uma visão racional, compatível com os valores humanos ameadados pelo espírito em sua trajetória evolutiva, vislumbra a presença divina justamente na conquista da capacidade humana de gerir sua existência e da sociedade onde viva.

Esperança

Cultivemos, no entanto, a esperança e o otimismo. A mesma política, que ainda comporta retrocessos capazes de lembrar as teocracias, é prática que faz avançar a democracia. Seu exercício é instrumento de aprimoramento ético da sociedade.

Registre-se que o presidente eleito, de tantas e tão lamentáveis declarações e atitudes em sua tumultuada biografia, no mesmo ato em que protagonizou um culto religioso em lugar e momento inoportunos, fez solene promessa de seguir a Constituição e as leis do país.

Resta que, “pela própria força das coisas”, como diria Kardec, sejam ele e também seus adversários capazes de entender que já não é mais tempo de se fazer política com ódio.



Opinando

Salomão Jacob Benchaya

ESPIRITISMO CRISTÃO? (II)

Por que não convém classificar o Espiritismo como cristão?

Assim como a conceituação de *espiritismo* e *espírita* deve ser dada pelos espíritas – não seria admissível, por exemplo, uma definição elaborada pelos judeus que fosse diferente da estabelecida por Kardec –, a definição de *cristianismo* e *cristão* só é válida se oferecida pelos cristãos.

Hoje em dia, para ser *cristão*, ou seja, adepto do catolicismo ou do protestantismo, o indivíduo precisará admitir a divindade de Jesus, seu nascimento de uma virgem, sua condição de salvador (morreu para nos redimir de nossos pecados), além de não aceitar a reencarnação (com a consequente destinação ao Céu ou Inferno após a morte), bem como a comunicação com os Espíritos, diante da proibição bíblica, tida como a “palavra de Deus”. Coisas totalmente alheias ao Espiritismo.

Há uma flagrante contradição entre a teologia cristã e os princípios espíritas. Não faz sentido a insistência em nos situarmos como uma vertente cristã, onde, na verdade, o Espiritismo é visto como uma espécie de “patinho feio” da paróquia.

É preciso notar que o cristianismo é uma doutrina estruturada inicialmente por Paulo de Tarso, depois da partida de Jesus, que não era cristão, e elaborada, ao longo dos séculos, pelos Padres da Igreja e, posteriormente, pela Reforma Protestante.

Hoje, com os avanços das pesquisas sobre o Jesus histórico, pode-se distinguir muito bem a figura de Jesus de Nazaré, filósofo, reformador moral, revolucionário, em cujos ensinamentos inspira-se a moral espírita, da figura de Jesus Cristo, mito construído pelas Igrejas, sobre o qual se instituíram dogmas e hierarquias absolutamente em contradição com o Espiritismo.

Isso não significa que, ao contrário do que é dito, a CEPA desconsidere a importância do exemplo e do ensino moral de Jesus, o homem. O Cristo que a CEPA não admite no Espiritismo é o Cristo Nosso Senhor, o Cristo-Deus, membro da Santíssima Trindade, nascido de mãe virgem, o Cristo fluido de Roustaing, o Cordeiro de Deus imolado para salvação da Humanidade.

Os critérios adotados pelo mundo cristão para identificar os seus adeptos não contemplam, obviamente, o Espiritismo.

Por outro lado, a aceitação do espiritismo “cristão” fica comprometida em países que não professam o cristianismo. Para isso, precisaria ser criado um “espiritismo judeu” ou “espiritismo budista”, por exemplo. Ou seja, formatar o Espiritismo segundo as religiões, um contrassenso. Quanto ao livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” que deveria ser referência para estudos do ensino moral de Jesus sob a ótica do Espiritismo, transformou-se numa espécie de “bíblia”, obra de Kardec mais vendida e objeto de culto no ambiente doméstico. É o Espiritismo Segundo o Evangelho.

O Espiritismo lida com fatos e resultados morais que não precisavam estar associados a qualquer Religião, como se pode verificar na Terceira Parte de O Livro dos Espíritos.

Diante disso, não faz sentido afirmar-se que o Espiritismo é cristão ou que é a “revivescência do cristianismo primitivo”.



OPINIÃO DE...

Gustave Geley – Psiquiatra e pesquisador francês, fundador do Instituto de Metapsíquica Internacional (1865/1924).



“O mal não é verdadeiramente a sanção do passado. É ao contrário bem mais frequentemente, no estado de evolução atual, a consequência do nível inferior geral desse estado evolutivo. Ver sistematicamente no sofrimento de um ser qualquer a consequência de atos anteriores seria por isso uma grosseira falta de lógica. O que é permitido afirmar, ao contrário, é que a sanção verdadeira, a da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcionada ao grau de livre arbítrio, isto é ao nível de elevação intelectual e moral do Ser.” (Do livro “Do Inconsciente ao Consciente” – Paris, 1919)



Aizpúrua na Espanha

Após intensa jornada de atividades na Argentina e Brasil, nos meses de agosto e setembro, o conferencista venezuelano **Jon Aizpúrua**, ex-presidente da CEPA e atual assessor de Relações Internacionais da mesma entidade, cumpriu exitoso roteiro na Espanha, divulgando o pensamento espírita, sempre vinculado ao humanismo e ao progresso ético e científico da humanidade, independentemente de crenças religiosas e ideologias políticas.

A jornada espanhola iniciou na cidade de Jaén, onde, em importante auditório público (fotos), Jon pronunciou conferência sobre “Reencarnação e Vivências Passadas”, destacando aspectos psicológicos e espirituais relativos ao tema.

Em 9 de outubro, em Barcelona, no Hotel Silken Ramblas, Jon Aizpúrua ocupou-se do tema “Influências Espirituais”.

Esteve, posteriormente, proferindo palestras, mantendo contatos com entidades voltadas ao estudo do espiritismo e fenômenos psíquicos, nas cidades de Tarrasa e Villena. Desta última, registramos o recebimento de minucioso relato, feito pelo dirigente espírita da Associação de Estudos Espíritas Grupo Villena, **Antonio Lledó**. Na sede da AEE, Grupo Villena, Jon proferiu conferência sobre “Enfermidades Mentais e Obsessão”. Segundo Lledó, nesse trabalho, Aizpúrua evidenciou sua reconhecida autoridade, tanto como psicólogo clínico, como de profundo conhecedor da doutrina espírita. Na conferência, propôs a obsessão como uma das causas dos distúrbios mentais, além daquelas de caráter endógeno e exógeno contempladas pela psicologia e psiquiatria.

Segundo o relato do dirigente espírita espanhol, com extrema habilidade, o conferencista “propôs igualmente uma solução baseada em um processo desobsessivo no qual a reconciliação entre vítima e verdugo se opere pela extraordinária terapia do perdão”.

A conferência de Jon Aizpúrua em Villena está disponível na Internet, em: <https://youtu.be/cn9gdz19htM>



Dirce Leite lança seu livro no CCEPA

A vice-presidente do CCEPA, **Dirce Teresinha Habkost de Carvalho Leite**, está publicando seu segundo livro de mensagens reflexivas com o título “Otonos da Alma” pela Editora Evangraf.

A obra contém 34 textos de conteúdo ético-moral, com prefácio de **Maurice Herbert Jones**, revisão de **Salomão Jacob Benchaya** e capa de **Beto Souza**.

O lançamento oficial ocorrerá no dia 21 de novembro, 4a. feira, às 15 horas, na sede do CCEPA, quando a autora fará uma palestra sobre “A jornada evolutiva do Espírito” e autografará exemplares da sua obra.



O Encontro de Fortaleza no Youtube



Uma boa notícia para quem não pôde estar presente no **IV Encontro Nacional da CEPABrasil, em Fortaleza** (21 a 23 de Setembro/2018):

Todo o evento, desde a conferência inicial do ex-vice-presidente da CEPA, **Ademar Arthur Chioro dos Reis** (foto), destacando a temática central do evento - **Imortalidade e Mediunidade, Perspectivas para o Século 21** – incluindo todas as exposições, mesas redondas, atividades culturais e debates realizados no auditório do Hotel Sonata, podem ser acessadas no youtube, pela Internet. Você pode acessá-las, via portal de eventos da CEPABrasil:

<http://www.cepabrasil.org.br/portal/midias/videos>

Nazareno Tourinho: retalhos de uma intensa trajetória

Com o título acima, o escritor e jornalista espírita Wilson Garcia, em seu blog - www.expedienteonline.com.br – registrou a desencarnação do escritor e conferencista espírita **Nazareno Tourinho**.

Para Garcia, “A vida inteligente na Terra é uma contínua história de partidas e chegadas, idas e vindas. Espíritos que concluem sua jornada e espíritos que a iniciam, numa alternância permanente. Daí o nascimento e a morte como fenômenos sucessivos. Quando do nascimento em novo corpo físico, os vivos se enchem de júbilo; quando do nascimento no corpo espiritual, os também vivos, mas invisíveis, cantam alegria. Nada de tristeza, amargura e dor. **Nazareno Tourinho** partiu na sexta-feira, 19 de outubro de 2018. Encerrou seu ciclo reencarnatório iniciado em 1934 na cidade de Belém, capital do Pará. Tinha, então, 84 anos incompletos. Conheci-o pessoalmente em 1979, em Santos, numa das prévias do Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas. Até então, havíamos apenas trocado correspondências em virtude de artigos que Nazareno escrevia para o jornal Correio Fraterno do ABC, do qual eu fazia parte”.

No longo artigo de Wilson Garcia, são destacadas as singulares qualidades de Nazareno Tourinho como escritor, poeta, orador, autor de peças teatrais e lúcido pensador espírita, que “combateu com veemência” o roustainguismo e que foi membro da Academia Paraense de Letras.

Entre suas obras espíritas, destaca-se o livro “*Edson Queiroz – o novo Arigó dos espíritos*”.



Nazareno Tourinho em conferência na Assembleia Legislativa do Pará
(fonte: www.expedienteonline.com.br)



Registros da Grande Imprensa



“Zíbia Gasparetto, escritora espírita, morre aos 92 anos”

Com a manchete acima, o jornal “O Globo” (Rio de Janeiro), edição de 11.10.2018, noticiou a desencarnação da famosa escritora e médium, **Zíbia Gasparetto**, acrescentando: “Autora teve 58 obras publicadas e mais de 18 milhões de livros vendidos”.

O periódico reproduziu nota publicada pela editora Vida & Consciência, fundada pela médium best-seller com seus filhos Luiz Antonio e Silvana Gasparetto, nas redes sociais, e que teve o seguinte teor:

“Hoje, o astral recebe com amor uma de suas representantes na Terra. Esse legado será eterno e os conhecimentos de Zíbia sobre as relações humanas e espirituais serão transmitidos por muitas e muitas gerações. Ela segue em paz no plano espiritual, olhadno para todos nós”.

Do Espiritismo à Nova Era empresarial

Anos antes a trajetória de Zíbia Gasparetto, como médium, escritora e empresária, havia sido objeto de ampla reportagem, da revista ISTOÉ, edição de 30/05/2013 (https://istoe.com.br/302900_A+SE+NHORA+DOS+ESPIRITOS/), ano em que a escritora atingia a marca de 41 livros publicados, com extraordinário sucesso e elevados lucros.

A matéria da revista semanal brasileira narrava desde as primeiras experiências mediúnicas da escritora, aos 22 anos, quando, por experimentar fenômenos mediúnicos, se acercou do espiritismo, tendo lido livros adquiridos por seu marido na livraria da Federação Espírita Brasileira. Por muitos anos, Zíbia foi dirigente da Associação Cristã Espírita Caminheiros, fundada pela família, e, por um tempo, foi também médium e colaboradora da Federação Espírita de São Paulo. Segundo a reportagem, o marco desse período em que esteve engajada no espiritismo foi o romance “O Amor Venceu” (1958), contando uma história de amor que tinha por cenário o Egito antigo: “Vendeu mais de meio milhão de cópias”, foi “o livro que abriu o universo espírita para milhões de brasileiros, por tratar do tema de forma leve e romaneada”.

O romance “recheado de referências a Allan Kardec que sistematizou a doutrina do espiritismo formal”, segundo a revista, “estabeleceu uma espécie de formato para boa parte dos romances da médium até a segunda metade dos anos 1990”. Foi nessa época que, segundo declarou a autora à revista, mudou de orientação, saindo do “rótulo espírita”, a conselho de seu mentor, o espírito Lúcius. Também seu filho, famoso médium pictórico, Luiz Gasparetto (falecido em maio deste ano), na mesma época, abandonou o movimento espírita para, com a mãe, dedicar-se empresarialmente à exploração das obras mediúnicas produzidas por ambos, na área popularmente conhecida como “Nova Era”. Perguntada, na reportagem, sobre o que achava das opiniões de pessoas que a criticavam por ter construído um verdadeiro império econômico, a partir da comercialização de obras mediúnicas, Zíbia respondeu com outra pergunta: “O que essas pessoas têm contra o dinheiro?”. Disse que recebia pelo tempo dedicado àquele trabalho, acrescentando: “Sou uma exímia secretária e recebo para dar continuidade ao trabalho dos espíritos”.

No meio espírita, Zíbia e Luiz Gasparetto sofreram muitas críticas porque suas atuações contrariariam a máxima evangélica: “Daí de graça o que de graça recebestes”.



Capa de ISTOÉ – edição 20.05.2013.

Encontro do ECK em São Paulo

No último dia 13 de outubro foi realizado o primeiro encontro estadual em SP, do Grupo “Espiritismo COM Kardec – ECK”, sediado no Facebook, para estudos e debates espíritas. O grupo tem em torno de 6.200 integrantes. Mesmo sendo um encontro



Expositores e participantes do Encontro ECK.

estadual, compareceram integrantes do Ceará, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santa Catarina além dos que residem na capital paulista e arredores. O evento foi realizado no Centro Espírita Manuel Bento, presidido por **Edson Henrique de Figueiredo**, também membro do ECK. Na programação, duas apresentações de temas correlacionados ao livro “A Gênese”, de Allan Kardec, a partir da comparação entre a edição restaurada (Ed. FEAL) e os textos que eram, até então, estudados como se fossem de autoria do professor francês.

Na parte da manhã, **Marcelo Henrique** (SC) abordou o tema “O Corpo de Jesus”, apresentando as interferências do docetismo e do rustenismo na obra espírita, inclusive com a análise histórica do desenvolvimento do Espiritismo em terras brasileiras. Na parte da tarde, **Beto Souza** (RS) tratou do tema “A Moral nas Diferentes Versões”, comparando textos e abordagens entre as duas versões da obra e demonstrando a interferência indevida de conceitos estranhos à Filosofia Espírita, na França e no Brasil.

Os dois momentos comportaram espaços de longa duração para debates livres, com a participação de todos os interessados, tornando bastante dinâmico o evento. Saímos, todos, com aquele gostinho de “quero mais”. Tanto as apresentações como os debates foram gravados e serão disponibilizados em breve no canal do YouTube do ECK, além de serem divulgados na homepage e no Facebook. A realização foi um valioso teste para que, em 2019, seja realizado o primeiro Congresso do ECK, também na capital paulista. Aguardem notícias!

Para saber mais:

www.facebook.com/groups/Espiritismo.COM.Kardec

www.comkardec.net

www.youtube.com/channel/UCESrYw16qtRtEXp8Dn77aZQ

(Colaboração: Katia Pelli, São Paulo)

Beto reapresentou o trabalho no CCEPA

Na tarde de 31 de outubro, quarta-feira, **Beto Souza**, que também integra e coordena grupos de estudos no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, reapresentou o trabalho de que foi expositor no Encontro do ECK – *A Gênese, Questão Moral nas Diferentes Versões* – para os integrantes de estudos que se reúnem às quartas-feiras à tarde no CCEPA.

No trabalho, foi feita uma apreciação crítica de alguns conceitos morais que, segundo o expositor, na quinta edição de “A Gênese”, sobre a qual pesam acusações de adulteração, teriam sido distorcidos relativamente à edição original de Allan Kardec.

O evento foi aberto a todos os interessados e contou também entre os assistentes com espíritas de outras instituições porto-alegrenses.



Enfoque



Ivan Franzolim
Escritor e
pesquisador espírita.
(São Paulo/SP)

Jesus de Nazaré ou Cristo?

Estamos habituados à palavra Cristo e alguns até podem achar que seja o sobrenome de Jesus, mas não é e tem significados que conflitam com o entendimento espírita. Trata-se da versão grega da palavra hebraica “messias”, que significa: o ungido (único gerado ou filho único), no caso de Jesus, chamado de filho unigênito para conciliar com o conceito da “santíssima trindade”, na qual Jesus seria Deus na terceira pessoa.

Os antigos hebreus chamavam de “messias” seus altos sacerdotes e reis, porque tinham sido distinguidos pela unção especial com óleo sagrado, chamados de “ungidos de Deus” (preferidos), aqueles que estão em uma posição especial com Deus. Depois, os profetas falaram de um Salvador que libertaria Israel e traria um período de paz e justiça.

O termo messias passou a se referir ao Salvador e foi aplicado no Novo Testamento como uma forma de persuadir os Judeus de que Jesus seria esse Salvador. O Espiritismo não é uma doutrina salvacionista, pois entende que todos irão progredir.

É compreensível que os primeiros cristãos, a maioria oriunda do judaísmo desejasse convencer os judeus que Jesus era o messias esperado. Depois, por obra de Paulo de Tarso, foram agregados cristãos de outras origens, permanecendo o interesse em manter o advento de Jesus, como algo especial, único, para continuar a atrair novos adeptos.

O cristianismo primitivo não é algo que deveríamos desejar reviver. Ele inaugurou uma era de grande intolerância religiosa. Os novos cristãos não admitiam que as pessoas tivessem outros deuses, o que até então, era um costume comum, cada família romana escolhia o seu deus preferido e quando visitavam outras famílias, também reverenciavam os deuses locais.

Destaca-se a prática da caridade que impressionou os romanos e ajudou sua aceitação oficial como nova religião.

Acreditavam firmemente que o Dia do Juízo Final estava próximo e que Jesus viria para salvar os escolhidos e, aqueles preteridos iriam arder no inferno eterno.

Na leitura de Atos dos Apóstolos, Cartas e dos Evangelhos há inúmeras passagens mostrando que os apóstolos não compreendiam os ensinamentos de Jesus, recebiam reprimendas e divergiam entre si, como Lucas 9:45; Marcos. 8:17-18 e:

Os apóstolos se envolvem numa ‘discussão sobre qual deles é o maior’. (Lucas 22:24)

E aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu (...) E eles lhe disseram: Concede-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda. (Marcos 10:35-37)

Pedro, não compreendendo, objetou ainda mais veementemente: “Nunca me lavarás os pés”. Respondeu-lhe Jesus: “Se eu te não lavar, não tens parte comigo.” (João, 13:8)

“Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram”!(Lucas 24.25-26)

Mesmo combatida, a nova religião crescia em adeptos pela ideia da salvação no dia do juízo final que estaria muito próximo. Em 313, o imperador Constantino liberou o culto cristão que se tornou a principal religião romana.

A nova crença imperou mil anos no período chamado de Idade Média, cerceando e limitando a expansão do conhecimento humano em todas as áreas. Sua contribuição para a compreensão dos ensinamentos morais de Jesus produziu extremas manifestações de ódio e intolerância com as Cruzadas e a Santa Inquisição.

Para o espiritismo, contudo, Jesus é um espírito Puro ou Superior, genericamente falando. Digno do nosso respeito e admiração, embora seja sensato admitir que, felizmente, devem existir milhões de outros espíritos mais elevados que Jesus no Universo.

Será que nós, espíritas, ainda necessitamos, como os cristãos primitivos, nos convenceremos ou persuadimos os outros de que Jesus era o messias esperado? Seus ensinamentos perderiam valor se fosse apenas um espírito superior? Segundo a lógica, isso é um argumento falho que apela para a autoridade.

Kardec preferiu usar termos espíritas, para não misturar e confundir os sentidos. Criou uma palavra nova para designar a doutrina, mas manteve palavras da Igreja Católica. Ele e os espíritos consultados chamaram Jesus de Cristo mais de 300 vezes! Talvez não tenham atinado para as diferenças dos dois nomes.

Nada impede de se identificar equívocos desse tipo, sem nenhum demérito à Kardec, como por exemplo, o fato de a Codificação ter empregado mais de 200 vezes as palavras: castigo, castigar, punir, punição, como ações de Deus para com os espíritos, que sabemos não estar de acordo com o próprio conhecimento espírita.

A discussão sobre se o Espiritismo é ou não Cristão colide frontalmente com o pensamento da Igreja Católica, sustentando que só podem ser considerados cristãos aqueles que creem nas verdades da fé cristã, entre elas que Jesus é Deus (Santíssima Trindade); que Deus se fez homem e não é um espírito que encarnou; que Jesus ressuscitou dos mortos e não foi seu espírito que apareceu após a sua morte; que a Bíblia contém a palavra de Deus e não apenas valores morais e muitos outros pontos conflitantes.

No Novo Testamento, o termo “cristão” aparece três vezes. A primeira menção se encontra em Atos dos Apóstolos 11,26: “E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, receberam o nome de ‘cristãos’”.

Pelo lado do Espiritismo, nós nos arrojam do direito de termos o verdadeiro entendimento dos ensinamentos de Jesus e, por isso, nos declaramos cristãos – os verdadeiros cristãos! Poderíamos simplesmente afirmar que seguimos os ensinamentos morais de Jesus. Veja:

“A bandeira que desfraldamos, bem alto é a do ESPIRITISMO CRISTÃO e humanitário...” Livro dos Médiuns.

“O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina.” A Gênese.

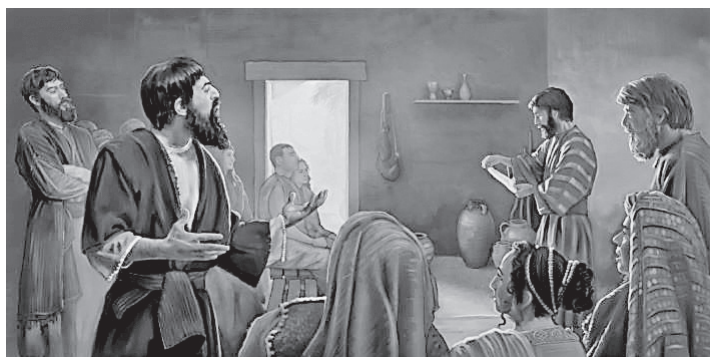
Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra. O Evangelho Segundo O Espiritismo, item 7.

Pontos para reflexão:

E agora? Faz mais sentido continuar a chamar de Jesus de Cristo ou será preferível chamar apenas de Jesus, ou Jesus de Nazaré?

É razoável nos intitularmos de cristãos verdadeiros detentores do melhor entendimento das palavras de Jesus?

É sensato dizer que procuramos reviver o tempo do cristianismo primitivo?



O cristianismo primitivo inaugurou um período de muita intolerância religiosa.